

**DISCURSO JORNALÍSTICO E ACONTECIMENTO:
IMERSÃO NOS GÊNEROS REPORTAGEM E NOTÍCIA**

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi (UNIGRAN)

sgarbi@unigran.br

Vanessa Amin (UFMS)

vamin@terra.com.br

RESUMO

Esta comunicação se originou de uma pesquisa, a qual teve como objetivo analisar o posicionamento do jornal impresso *Correio do Estado*, de Mato Grosso do Sul, a partir da observação dos gêneros do discurso jornalístico, reportagem e notícia, articulados na cobertura das eleições de 2010 para o cargo de governador do Estado, que envolveu a disputa entre dois principais candidatos – André Puccinelli (PMDB) e José Orcírio dos Santos (PT) – a fim de tecer reflexões acerca do discurso jornalístico e do acontecimento. Essa discussão envolveu disciplinas tradicionais, como a comunicação, atingindo um esforço inter e transdisciplinar com a linguística e a análise do discurso francesa. Na realização desta pesquisa consideramos o método arqueológico e genealógico de Michel Foucault (2005), indicando que para efetuar a análise devemos ir além da materialidade do discurso e buscar no arquivo as regras, práticas, condições de produção e funcionamento, relações de saber-poder por meio do corte horizontal de mecanismos e da leitura horizontal das discursividades. Trata-se de um estudo relevante, pois há necessidade de se conhecer melhor a forma como as práticas sociais e discursivas dos diversos meios sociais se concretizam em gêneros de textos. Acreditamos que esse conhecimento seja importante para o campo do ensino de linguagem e de jornalismo, como forma de conduzir estudantes, professores e profissionais das duas áreas – comunicação e letras – a pensarem sobre suas práxis e sobre o uso dos jornais em sala de aula como material didático, como ações às leituras crítica e reflexiva.

Palavras-chave:

Discurso jornalístico. Gêneros do discurso. Análise do Discurso. Linguística textual.

1. Introdução

Em países que são governados por regimes democráticos, como o Brasil, é inegável a importância dos veículos de comunicação que exer-

cem a função de informar os cidadãos sobre os principais acontecimentos locais, regionais, nacionais e internacionais. São essas informações que orientarão a opinião pública sobre temas da política, economia, cultura, saúde, segurança, entre tantos outros, e que também poderão influenciar na tomada de decisões e atitudes. Então, se a função é informar, devem ser adotados conceitos como imparcialidade, objetividade e isenção no processo de produção do noticiário para que essa função se faça presente. Ao folhear um jornal, por exemplo, percebemos claramente as “divisões” existentes entre as áreas de informação e opinião. Assim, estabelece-se um contrato com o leitor determinando os espaços nos quais são exclusivos os relatos, por meio da publicação de notícias, reportagens, e nos quais são exclusivas as opiniões, impressas nos editoriais, nos artigos e/ou nas colunas assinadas.

Porém, será que na prática isso acontece? Será que o espaço do noticiário, que deveria trazer a informação de forma equilibrada, sem juízos de valores emitidos pelo jornalista ou pela empresa de comunicação, é totalmente isento? Perguntas como essas permeiam muitos trabalhos elaborados no campo da linguística e do jornalismo. E são essas as questões principais que iremos abordar neste texto, que se configura como uma pesquisa interdisciplinar, trazendo preceitos da teoria da análise do discurso de linha francesa e da teoria da comunicação.

Trata-se de um tema importante, uma vez que a cada dia aumentam o número de projetos e atividades desenvolvidas em escolas com base na leitura de jornais. Por isso, todos aqueles que adotam esse instrumento de trabalho em sala de aula, seja como suporte para estudo dos textos, da linguagem, ou para discussões sobre assuntos contemporâneos, devem entender que os veículos de comunicação são empresas, instituições organizadas nas quais poder e ideologia caminham lado a lado e que isso, muitas vezes, pode influenciar no processo de produção de sentido.

E nada melhor do que optar pela escolha de um acontecimento definitivo para a democracia brasileira, no caso as eleições. Será o acontecimento discursivo das eleições de 2010 para governador do estado de Mato Grosso do Sul, o recorte intencional que adotamos para a nossa investigação. Como suporte para o estudo, optamos pelo jornal diário *Correio do Estado*, que circula há mais de 50 anos e pode ser considerado um dos mais tradicionais e o principal jornal impresso do estado, com circulação em praticamente todo o estado, no qual estudamos a utilização dos gêneros informativos (reportagem e notícia) articulados na co-

bertura das eleições e o posicionamento desse jornal ao relatar fatos relacionados ao pleito.

Para tanto, apoiamos a pesquisa nos pressupostos da análise arqueológica e da genealogia de Michel Foucault (2005). Esses pressupostos indicam que a análise deve ir muito além da materialidade, da língua, buscando no arquivo a ser analisado as regras, as práticas, as condições de produção e o funcionamento, além das relações de saber poder em relação ao discurso abordado. Assim, buscamos verificar as condições de produção do discurso do jornal *Correio do Estado*, levantando os aspectos históricos e o surgimento do jornal, e se essas condições de produção influenciam na cobertura da eleição de 2010. Ainda, nessa pesquisa, não desprezamos a materialidade discursiva. Separamos as edições do jornal publicadas entre os dias 23 de setembro a 4 de outubro de 2010. E, ao analisar os gêneros informativos, além de verificarmos sua articulação no suporte e o modo como são utilizados, agrupamos os textos e investigamos os aspectos verbais, os silenciamentos, os interdiscursos, a heterogeneidade, a escolha de conteúdos e os possíveis deslizamentos de sentido que poderiam indicar o posicionamento desse veículo de comunicação em relação ao acontecimento discursivo em questão:

(...) penso que o trabalho do analista não se limita à descrição. Mesmo porque a descrição tem que ser interpretada. Melhor dizer então que sua finalidade não é descrever nem interpretar, mas compreender – isto é, explicar – os processos de significação que trabalham o texto, compreender como o texto produz sentidos através de seus mecanismos de funcionamento (ORLANDI, 2005, p. 27).

Desta forma, percebemos qual o posicionamento do referido jornal frente às eleições e aos dois candidatos principais que disputaram o pleito: André Puccinelli (PMDB) e José Orcírio Miranda dos Santos (PT). Se de forma isenta e imparcial ou de forma a valorizar um discurso em detrimento do outro. Logo, por meio das análises buscamos conhecer melhor as práticas discursivas aliadas às práticas sociais e como elas são concretizadas em gêneros textuais.

2. Aliando os estudos da análise do discurso e da comunicação

Este trabalho está orientado pelas teorias da análise do discurso Francesa aliadas a estudos sobre gêneros do discurso jornalístico. Unindo o linguístico e o sócio histórico em seu quadro teórico, a análise do discurso (AD) de linha francesa surgiu em meados da década de 1960 e

foi consagrada em 1969, a partir da publicação do número intitulado *Análise do Discurso* da revista *Langages e*, principalmente, com o livro *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pêcheux (CHARAUDAEU & MAINGUENEAU, 2006). Três áreas do conhecimento científico estão articuladas em seu quadro epistemológico, são elas: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso.

Tomando o autor mais representativo da análise do discurso de linha francesa, Michel Pêcheux elaborou seus conceitos sob a influência dos estudos de Louis Althusser, sobre ideologia, e de Michel Foucault, sobre discurso. Althusser (1980) define em sua obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, que o funcionamento da ideologia dominante está concentrada nos aparelhos ideológicos do Estado (AIE). Segundo o autor, esses aparelhos compreendem diversas instituições como família, religião, sindicatos e ainda veículos de comunicação que por meio do jornalismo são responsáveis por proporcionar aos cidadãos o direito à informação e os discursos presentes nesses veículos, além de articularem outros presentes na sociedade, fazem parte dos discursos que configuram o espaço social, atribuem valores e criam sentidos que organizam as relações de poder.

Discurso, para Foucault (2005) é um conjunto de enunciados que irá remeter a uma mesma formação discursiva. O filósofo francês não tinha como objetivo principal focar o discurso enquanto problema linguístico, mas suas ideias foram extremamente importantes para a análise do discurso. Para ele, a análise da formação discursiva consiste na descrição dos enunciados que a compõem. Cabe ressaltar que há diferença entre discurso e texto e entre enunciado e frase. De acordo com os analistas do discurso, é, a partir do texto, que são construídos os significados, importando, principalmente, as condições de sua produção. Assim, foi primordial a investigação das condições de produção do discurso jornalístico da instituição jornal impresso escolhida para esta pesquisa a fim de se conhecer o seu posicionamento, ou, ainda, porque se diz isso, de tal maneira e como o discurso está estruturado e se articula com as práticas sociais:

(...) as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que vale dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, (...) determina o que pode e deve ser dito. (PÉCHEUX, 1988, p. 160).

Além da formação discursiva e das condições de produção, como analistas, não podemos nos esquecer de que o discurso jornalístico está atravessado pela interdiscursividade. De acordo com Maldidier (2003, p. 51), o conceito de interdiscurso está presente na obra de Michel Pêcheux desde o momento no qual ele relaciona o discurso ao “já dito”. Ela pontua ainda que “o interdiscurso não é nem a designação banal dos discursos que já existiram antes nem a ideia de algo comum a todos os discursos”. Para Maldidier (*ibidem*), o interdiscurso designa “o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em relação com as formações de dominação, subordinação, contradição”.

Outra característica é a presença da heterogeneidade. O termo heterogeneidade é introduzido de forma distinta pela linguista Jacqueline Authier-Revuz (1990), na análise do discurso. A autora define como heterogeneidade mostrada a presença localizada de um discurso no fio de outro discurso e que poderá aparecer de forma marcada ou explícita, quando assinalado por meio do discurso direto ou indireto, do uso de aspas; e de forma não marcada, quando do discurso indireto livre ou por meio de alusões e ironias. Authier pontua ainda que quando o discurso encontra-se dominado pelo interdiscurso temos a heterogeneidade constitutiva. Trazendo essas noções para a análise do discurso jornalístico impresso, perceberemos que há uma forte presença da heterogeneidade mostrada e da constitutiva. Ainda sobre o discurso jornalístico, salientamos que apesar do uso de uma linguagem objetiva, a primeira vista transparente, o mesmo apresenta uma opacidade. Não são poucos os casos que sabemos de acusações sobre a mídia ocasionadas por deslizes e manipulação de fatos e declarações:

Nas mídias, os jogos de aparências se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade. Entretanto, e por isso mesmo, os discursos de explicação não podem pretender à verdade absoluta e menos ainda à profecia (CHARAUDEAU, 2006, p. 29)

Segundo Charaudeau (2006), as mídias podem exercer influência junto ao seu público por meio do discurso de informação. “O respeito das mídias, o poder de que se pode falar é o de uma influência através do fazer saber, do fazer pensar e do fazer sentir. Visar a uma tal autoridade seria um desvio do contrato de informação” (CHARAUDEAU, p. 124). Será por meio desse contrato que, segundo os analistas do discurso, os envolvidos no ato da comunicação estabelecem a compreensão e a interação entre si, construindo o sentido. No jornalismo impresso, é a força das palavras e as fotos estampadas no suporte de papel que funcionam

como prova para a instauração da verdade.

E foi para tornar o seu discurso mais próximo da verdade, ou seja, para que houvesse mais veracidade, que a prática do jornalismo evoluiu por meio de uma sistematização dos textos. Segundo Maingueneau (2005, p. 59), todos os textos pertencem a um “gênero de discurso”. Para categorizar esses textos produzidos, há vários termos empregados, apoiados em critérios diversificados. “Existem denominações que não pertencem ao léxico corrente, são próprias de certas profissões: os jornalistas, por exemplo, utilizam um vocabulário específico, ensinado nos cursos profissionais”. Para o autor, essas especificidades não devem ser ignoradas pelo analista do discurso.

Assim, neste trabalho aliamos aos conceitos da AD Francesa os estudos de três teóricos da comunicação que discorreram sobre os gêneros do discurso jornalístico. Na década de 1970, no Brasil, Luiz Beltrão (1969) foi o primeiro a pesquisar sistematicamente sobre gêneros no jornalismo. Outros estudiosos também trataram sobre o tema, porém sem oferecer suporte para a classificação ou confrontação com a prática. Será ele quem, pela primeira vez, sistematiza e classifica os gêneros jornalísticos em três categorias: *jornalismo informativo*, que abrange a notícia, a reportagem, a história de interesse humano e a informação pela imagem; *jornalismo interpretativo*, com a reportagem em profundidade; e *jornalismo opinativo*, onde se enquadram o editorial, o artigo, a crônica, a opinião ilustrada, e a opinião do leitor (MELO, 1994).

Ex-aluno de Beltrão, na década de 1980, José Marques de Melo propõe uma classificação, tendo como referência a estabelecida pelo seu professor, porém procurando aproximá-la da atividade profissional, em duas categorias: *jornalismo informativo*, abrangendo os gêneros nota, notícia, reportagem e entrevista; e o *jornalismo opinativo*, com o editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. Mais tarde, na década de 1990, Manuel Carlos Chaparro toma como referencial a proposta elaborada por Melo e estabelece uma nova classificação, por meio da detecção de novas espécies que corresponderiam às novas expectativas dos leitores e aos novos modelos de escrita para os jornalistas, originada de um estudo da evolução dos gêneros na imprensa brasileira, entre o período de 1945 e 1995. A partir de uma reflexão teórica e pela análise estrutural de textos nos jornais impressos brasileiros, Chaparro (1998) elaborou uma nova grade classificatória de gêneros do discurso jornalístico: *comentário* e *relato*, sendo que o primeiro agruparia: *espécies argumentativas* e *espécies gráfico-artísticas*, e o segundo, as

espécies *narrativas e práticas*. Então, neste artigo, iremos trabalhar com dois dos gêneros do discurso jornalístico, pertencentes à classe de *jornalismo informativo*, como aponta Melo, ou *relato*, como destaca Chaparro: a reportagem e a notícia.

A seguir, pretendemos verificar as condições de produção do jornal, que muitas vezes se posiciona como defensor da imparcialidade e objetividade, da isenção na cobertura dos fatos, e se, realmente, ele segue a essas premissas ou se o posicionamento parcial ou argumentativo está presente nos espaços especificamente tidos como informativos.

3. O jornal *Correio do Estado*: histórico e linha editorial

Em 7 de fevereiro de 1954 surgiu, em Campo Grande, o jornal *Correio do Estado*. A princípio o periódico teve sua origem vinculada ao grupo político da União Democrática Nacional (UDN), sendo os seus principais líderes no sul do então estado de Mato Grosso (criação de Mato Grosso do Sul aconteceu em 1979), Fernando Corrêa da Costa e José Fragelli. Ambos juntaram-se a José Inácio da Costa Moraes para fundar o impresso que tinha como objetivo trazer informações e provocar discussões sobre assuntos de interesse local, mas apoiando politicamente o grupo político e sua causa. A eleição de Fernando Corrêa da Costa para governador de Mato Grosso fez com que deputados e partidários, responsáveis pela sustentação econômica do jornal, fechassem-se em Cuiabá, desaparecendo de Campo Grande e levando os recursos que mantinham as atividades do veículo. Foi quando o gerente José Barbosa Rodrigues resolve lutar pela manutenção do impresso, adquirindo a parte de José Moraes e tornando-se dono do *Correio do Estado*. Começa uma nova fase do jornal, que aos poucos foi consolidando-se no mercado e hoje é o principal e mais antigo jornal diário de Campo Grande, com circulação ininterrupta. Atualmente, o grupo *Correio do Estado* administra, além do jornal *Correio do Estado*, as emissoras de rádio *Cultura AM* e *Mega 94 FM*, além da *TV Campo Grande* que é retransmissora do SBT.

Além de conhecer um pouco sobre o surgimento do jornal *Correio do Estado*, para esta pesquisa, passa a ser importante também saber qual a sua linha editorial. A linha editorial de um veículo de comunicação pode ser definida como um conjunto de critérios, normas ou regras, que devem ser seguidas na produção e divulgação do conteúdo. Conhecendo a linha editorial do jornal, sabemos qual o seu posicionamento e como ele se coloca diante da sociedade.

Em entrevista publicada na edição que comemorou os 50 anos do veículo, publicada no dia 7 de fevereiro de 2004, o jornalista e, então, diretor-presidente do grupo, Antônio João Hugo Rodrigues diz que “o jornal sempre procurou levantar bandeiras que o vinculassem diretamente com os interesses da comunidade” e que a linha editorial do *Correio* sempre foi pautada em torno de assuntos de interesse local. “(...) o *Correio do Estado* sempre se pautou pelos interesses do Estado e nunca aceitou que vontades pessoais prevalecessem sobre os desejos da maioria”, reforça Antônio João em outro trecho da entrevista, acrescentando que, ao longo de sua história, o veículo tem lutado pela conquista da credibilidade e respeitabilidade editorial.

Ainda na edição comemorativa, foi publicada entrevista com a diretora do jornal Ester Figueiredo Gameiro e, segundo ela, “desde o princípio, nossa linha editorial sempre foi a de defesa dos interesses locais. Isso fez com que passássemos a ser referência de cidadania. Sempre priorizamos os assuntos de interesse da população”. Para ela, “o *Correio do Estado* se tornou o porta-voz da comunidade”. Também na edição especial foi publicada matéria assinada pelo jornalista Ico Victório, intitulada “Jornal adotou perfil crítico” na qual são feitas mais considerações sobre a linha editorial do impresso. Segundo a reportagem, mesmo passando por mudanças importantes, o jornal não mudou o princípio que o orienta desde a sua fundação que é o da “independência editorial” ou seja liberdade para apurar o que considera relevante, publicar e assumir “bandeiras” em defesa da sociedade sul-mato-grossense. É interessante trazeremos também para essa pesquisa um trecho que consideramos pertinente quando das considerações que faremos na análise do *corpus* escolhido: “O jornal nunca se furtou e não se furtará de dar a sua opinião política. Mas ela estará circunscrita aos editoriais. No noticiário, sempre buscou a objetividade e a isenção”.

Após conhecer um pouco sobre as condições de produção do discurso e sobre a linha editorial do jornal *Correio do Estado*, vamos tratar do acontecimento discursivo escolhido para a elaboração deste artigo: as eleições de 2010, especialmente, a disputa entre os dois principais candidatos ao cargo de governador do Estado, André Puccinelli e José Orcírio dos Santos, apresentando também o perfil de cada um.

4. O acontecimento discursivo: eleições 2010

Em Mato Grosso do Sul, no ano de 2010, foram realizadas elei-

ções para cargos do governo executivo federal e estadual e para as assembleias legislativas e Congresso Nacional. No estado, as eleições para o governo foram definidas em primeiro turno, com a vitória do candidato André Puccinelli. De acordo com informações divulgadas no site do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-MS), no dia 3 de outubro, 1.392.464 milhão de eleitores foram às urnas e votaram para escolher 24 deputados estaduais, oito deputados federais, dois senadores, um governador de estado e um presidente da república. O índice de abstenção foi de 18,13%, ou seja, dos mais de 1,7 milhão de eleitores, 308.448 não compareceram nos locais de votação.

Para o cargo de governador do estado concorreram três candidatas: André Puccinelli (PMDB), José Orcírio Miranda dos Santos (PT) e Nei Braga (PSOL). Puccinelli foi eleito no primeiro turno alcançando 704.407 votos, o que representou 56% dos votos válidos. Em segundo lugar ficou José Orcírio, com 534.601; e, em terceiro Nei Braga, com 18.943 votos. Portanto, concentramos nossos estudos nos dois principais candidatos: o do PMDB e do PT, articulando a seguir o perfil de ambos.

Médico formado pela Universidade Federal do Paraná, André Puccinelli é naturalizado brasileiro, pois nasceu em Viareggio (Itália), em 2 de julho de 1948, e veio para o Brasil com menos de um ano. Primeiramente sua família fixou-se em Porto Alegre (RS) e depois em Curitiba (PR), onde realizou seus estudos até concluir a faculdade. Ele é casado com Elizabeth Puccinelli e possui três filhos. De Curitiba veio para Fátima do Sul, interior de Mato Grosso do Sul, onde atuou profissionalmente como cirurgião-geral até 1983. Mudou-se para Campo Grande para atuar na Secretaria Estadual de Saúde de 1983 a 1985, no governo de Wilson Barbosa Martins. Foi eleito deputado estadual por dois mandatos, de 1987 a 1991 e de 1991 a 1995. Depois concorreu à vaga na câmara de deputados, onde exerceu por dois anos o mandato deixando o cargo para administrar a capital de Mato Grosso do Sul – Campo Grande. Puccinelli foi prefeito de Campo Grande por dois mandatos (1997/2000 e 2001/04). Em 2006 candidatou-se ao cargo de governador do Estado e venceu as eleições em primeiro turno, disputando o pleito com outros quatro candidatos, sendo o mais representativo o senador Delcídio Amaral, do PT, que ficou em segundo lugar. Em 2010, candidatou-se à reeleição.

José Orcírio Miranda dos Santos é nascido no município de Porto Murtinho, localizado na região Oeste de Mato Grosso do Sul, na fronteira com o Paraguai, no dia 24 de fevereiro de 1950. Seu pai era capataz e

sua mãe dona-de-casa, com outros sete irmãos. No ano de 1969, prestou serviço militar obrigatório no exército alcançando o posto de cabo. Em 1972, foi aprovado em concurso no Banco do Brasil e, paralelamente, como sargento do exército, posto que ocupou por mais seis meses antes de ingressar definitivamente na instituição financeira. Foi transferido para o município de Assis, SP, onde frequentou a faculdade de Ciências Econômicas. No final da década de 1970, se integrou nos movimentos para a criação do Partido dos Trabalhadores e, então, decide retornar a MS, passando a residir em Campo Grande. Foi um dos fundadores do PT em MS, no ano de 1981. Um ano depois, candidata-se a deputado estadual e inicia a faculdade de Direito. Em 1986, torna-se presidente do Sindicato dos Bancários, em 1988 candidata-se a vereador de Campo Grande. Em 1994, elege-se como deputado estadual e disputa a prefeitura da Capital em 1996, contra André Puccinelli. Dois anos mais tarde vence a disputa pelo governo do estado, conseguindo reeleger-se para novo mandato em 2002. É casado com Gilda Miranda e tem três filhos.

Se em nível nacional, o PMDB é aliado do PT, em MS os dois partidos tem polarizado as disputas para chefe do executivo estadual e da capital, Campo Grande. André Puccinelli e José Orcírio, inclusive, já se enfrentaram anteriormente, em 1996, na disputa pelo cargo de prefeito de Campo Grande, em uma eleição conturbada cujo resultado em favor de Puccinelli registrou diferença de pouco mais de 400 votos. A disputa dos dois candidatos foi divulgada por toda a imprensa, haja vista a importância do acontecimento. Para esse trabalho, fizemos uma seleção de reportagens e notícias que foram divulgadas no *Correio do Estado* a fim de tentar perceber como esse veículo de comunicação se posicionou frente a esse acontecimento. Buscamos na materialidade discursiva pistas para verificar se as premissas da isenção, imparcialidade e objetividade jornalística são cumpridas ou se há uma postura diferenciada com relação aos candidatos ao cargo de governador.

5. A informação x a argumentação nos gêneros de relato

Podemos dizer que os jornais, assim como os demais meios de comunicação, devem lidar com uma dualidade: ao mesmo tempo em que mediam discursos de diversos atores da sociedade, também possuem sua voz (CHAREAUDEAU, 2006). Será por conta disso que em algumas situações, esses veículos adotarão estratégias para se aproximarem dos discursos com os quais há maior identificação. Tal posicionamento vai

se estabelecer por meio dos interdiscursos, das escolhas dos conteúdos, da heterogeneidade, da materialidade linguística, ou seja, da opção por utilizar determinados elementos da língua, do tamanho do espaço concedido aos acontecimentos, do silêncio e da escolha dos gêneros discursivos jornalísticos.

Recuperando o que Chaparro (1998) afirma sobre os gêneros do discurso jornalístico temos uma divisão aparentemente clara entre os da modalidade relato e os da modalidade comentário. Para o autor, os que estão sob a classificação de relato são textos que possuem esquemas narrativos e os que estão sob comentário apresentam esquemas argumentativos. Ao folhearmos um jornal, notamos que há um maior espaço dedicado aos gêneros de relato: notícia, reportagem, nota, entrevista, entre outros. Os gêneros do tipo comentário – editorial, charge, coluna, artigo – estão restritos às páginas de opinião ou há alguns espaços distribuídos nos cadernos. Ao priorizar os gêneros de relato, os jornais adotam uma estratégia que os ajuda na construção do efeito de sentido de objetividade, de imparcialidade. Observando a linha editorial do jornal *Correio do Estado*, esses conceitos devem estar presentes no noticiário. Por isso, optamos pela escolha de notícias e reportagens publicadas sobre as eleições, para verificar se essa premissa é contemplada de forma integral.

Antes de iniciarmos as análises, vale lembrar que há uma diferença entre notícia e reportagem (MELO, 1994). A primeira é o simples relato de um fato que já eclodiu na sociedade. A segunda é um relato ampliado do acontecimento que repercutiu e produziu alterações percebidas pelo veículo de comunicação. Assim, na reportagem há uma contextualização e interpretação, que não devem existir na notícia. Cabe explicar que, dentre os textos coletados no período da pesquisa, traremos para esse artigo aqueles cujos conteúdos são relevantes para o nosso objetivo e cujas escolhas discursivas foram importantes para nos dar pistas sobre o posicionamento do jornal.

No dia 25 de setembro, o jornal *Correio do Estado* traz notícia na primeira página da edição apresentando o resultado de pesquisa eleitoral sobre a disputa ao governo e ao senado. Vejamos o título escolhido: “Cai vantagem de André. Murilo encosta em Moka”. A seguir, trazemos um trecho do texto:

Pesquisa Ibope/TV Morena, feita de 21 a 23 de setembro, com 812 eleitores divulgada ontem mostra que a vantagem de André Puccinelli (PMDB) sobre José Orcírio (PT) caiu de 16 para 10 pontos em 20 dias. O governador oscilou de 52% para 51%. José Orcírio, por sua vez, passou de 36% para 41%.

Notamos então a presença do interdiscurso (MALDIDIER, 2003), pois ao reportar os resultados da pesquisa, o jornal utiliza-se do interdiscurso científico. Assim, percebemos a presença do “já dito” no discurso jornalístico, caracterizando o seu assujeitamento. Essa utilização tem como intenção para provocar um efeito de objetividade, pois o texto aparece repleto de números e da metodologia utilizada. Porém, vamos destacar algumas escolhas que vão de encontro a essa premissa. A primeira delas é o verbo *cair* utilizado duas vezes: no título e no corpo da notícia. De acordo com Bueno (2000, p. 136), o verbo *cair* é intransitivo e significa “tombar, levar queda”. Assim trata-se de um verbo que tem mais impacto e provoca um efeito de sentido diferente do que outra possível escolha mais adequada para retratar o resultado e mais objetiva que seria o verbo transitivo *diminuir* e que significa “encurtar, subtrair; abreviar, atenuar” (BUENO, 2000, p. 259). Ao optar pela utilização do verbo *cair*, é reforçado o efeito de sentido contrário ao desempenho do candidato Puccinelli, efeito esse reforçado pela segunda escolha, o complemento utilizado logo após o verbo – *de 16 para 10 pontos em 20 dias* – e pela apresentação do desempenho de José Orcírio que ampliou o seu índice em cinco pontos percentuais.

O mesmo assunto - resultados das pesquisas - foi objeto de reportagem publicada no dia 28 de setembro, com destaque na primeira página da edição. Com o título “André mantém 14 pontos de vantagem sobre José Orcírio”, o *Correio do Estado* divulga os números da pesquisa realizada pelo Ibrape. Há a presença do interdiscurso científico, novamente com o detalhamento da metodologia, os números, gráficos, porém notamos a presença do interdiscurso esportivo. Desta forma, o veículo utiliza essa estratégia para estabelecer um contraponto entre a realidade exata e objetiva que os números mostram – vantagem e possível eleição do candidato do PMDB – e o que ainda pode acontecer, já que nas competições esportivas, os resultados só podem ser confirmados após o término do tempo corrido das disputas. No trecho a seguir, podemos observar a presença dos dois interdiscursos:

Na *reta final* da campanha eleitoral, o governador André Puccinelli (PMDB) *chega com 14 pontos percentuais à frente* do seu principal rival, José Orcírio dos Santos (PT), na *corrida eleitoral*. A pesquisa do Ibrape/*Correio do Estado* aponta André com 54% das intenções de voto, José Orcírio com 40% e Nei Braga (PSOL) com 1%. A *amostragem* indica ainda 2% dos eleitores com intenção de anular ou votar em branco e 3% não sabem em quem votar para governador. A margem de erro é de 3 pontos percentuais para mais ou para menos dentro do *intervalo de confiança* de 96%. (*Correio do Estado*,

Destacamos também que a reportagem traz uma interpretação dos números divulgados por região geográfica do estado. Ao relatar o local no qual o candidato do PMDB possui maior vantagem em relação ao candidato do PT – a região do Bolsão, considerada o terceiro maior colégio eleitoral do estado – a reportagem recupera que “a região é a principal base eleitoral da candidata a vice de Puccinelli, ex-prefeita de Três Lagoas Simone Tebet (PMDB)”, provocando um efeito de sentido de que essa vantagem não se deve ao desempenho de André, mas sim ao da sua aliada de chapa.

Sabemos que as pesquisas apresentam diversas variáveis e dados, assim é interessante verificar o que mais o jornal recortou e trouxe para a reportagem. Após tratar da maior vantagem, o jornal apresenta um contraponto e destaca que “O pior desempenho do governador é na *Região do Pantanal*, onde perderia hoje para o petista por 52% a 43% das intenções de voto” (grifos nossos). O texto segue relatando que o candidato José Orcírio “vence *ainda* André na *Região do Sudoeste* por 50% a 46%. Por este índice, os dois estão *tecnicamente empatados*” (grifos nossos). Percebemos então que a reportagem traz duas localidades bem especificadas nas quais o candidato do PT leva vantagem nas pesquisas e isso, aliado ao uso do advérbio *ainda*, enfatiza o bom desempenho de José Orcírio, pois como veremos a seguir, não são especificadas as regiões, com exceção à região do Bolsão citada anteriormente, nas quais o petista leva desvantagem.

Apenas, no sexto parágrafo, o texto afirma “nas *demais* regiões, o governador vence José Orcírio com mais de 55% das intenções de voto”. Grifamos o pronome indefinido *demais*, que tem como significado “outras”. Assim, quais seriam essas demais, ou melhor, essas regiões restantes? Será que seriam menos importantes para deixarem de ser citadas na reportagem? Ao falar da região do Bolsão, o jornal a coloca como terceiro maior colégio eleitoral do estado. Entre as “demais” regiões, silenciadas pelo jornal, estão os dois maiores colégios eleitorais: Campo Grande e Dourados, onde o candidato do PMDB apresenta vantagem. Podemos dizer que esse silenciamento tenha sido uma estratégia para não deixar mais evidente as grandes chances de vitória do candidato peemedebista. O silêncio é algo que percorre todo o discurso jornalístico, trata-se de um silêncio constitutivo, mas que se instala cheio de sentidos heterogêneos e isso está ligado aos aspectos argumentativos e de persuasão que consti-

tuem o discurso jornalístico (LOPES, 1990). Ao valorizar alguns acontecimentos e “apagar” outros o veículo se posiciona.

Ainda, nessa reportagem, temos a recuperação de um acontecimento político – a veiculação de um vídeo com depoimentos do deputado Ari Rigo a respeito de repasses feitos aos três poderes, incluindo o poder executivo – na qual podemos perceber a voz do jornal: “pela pesquisa, o maior escândalo político da história de Mato Grosso do Sul (...) não atingiu a candidatura de André Puccinelli nem a de José Orcírio dos Santos”. E a voz do jornal completa: “o que se notou é 1% dos indecisos optar pela reeleição do governador e, outro, 1% pela volta do ex-governador”. Essa recuperação é mais uma estratégia chamada de *flash-back* e tem como intenção mobilizar a memória discursiva do leitor para que esse reflita sobre a configuração das eleições.

Nas notícias que seguem sobre as atividades em campanha política dos candidatos, notamos que o jornal começa sempre o seu relato pelas ações do candidato do PT e depois pontua as atividades do candidato do PMDB, assim como as fotografias, que apesar de serem de mesmo tamanho, sempre mostram o candidato petista em posição anterior ao candidato peemedebista.

Assim foi na notícia do dia 30 de setembro intitulada: “A 3 dias do pleito, Orcírio mira a Capital e André, o interior” e cujo fio (nome dado a uma espécie de subtítulo que pode vir acima ou abaixo do título) revela “Além de Campo Grande, o petista buscará votos em Dourados e o governador irá a Naviraí e Itaquiraí”. Estão mencionadas na notícia as agendas de campanha dos três candidatos, estratégia que remete a isenção e imparcialidade, pois há espaço concedido a todos. Porém, destacamos a seguir um trecho que contraria esses conceitos ao recuperar um acontecimento alheio ao que está sendo relatado e, principalmente, pela heterogeneidade mostrada (AUTHIER, 1990) apresentando o discurso de José Orcírio:

Segundo a última pesquisa do Ibrape para o *Correio do Estado*, realizada de 24 a 26 de setembro, Puccinelli leva vantagem de 13 pontos percentuais em relação a Orcírio na Capital, enquanto na Grande Dourados está 29 pontos à frente do petista. Orcírio, por sua vez, tem outros números. “*Estou ultrapassando o André em Dourados*”, contou sem dar mais detalhes. (*Correio do Estado*, A3, 30/09/2010, grifos nossos)

Assim, o jornal se posiciona ao recortar especificamente esse trecho do discurso do candidato petista, aproximando-se do seu discurso, já

que não traz para a matéria a voz do concorrente do PMDB que falou por meio de sua assessoria de imprensa. Por meio da heterogeneidade mostrada e da escolha, ainda, o jornal utiliza o discurso do outro para criar o efeito de sentido desejado, ou seja, que há uma possibilidade de virada.

No dia 1º de outubro, a dois dias do pleito, o jornal *Correio do Estado* divulga nova reportagem sobre os resultados de pesquisa realizada pelo Ibrape. Com o título: “Para Ibrape, André *deve ser* reeleito no domingo”, a reportagem novamente traz o interdiscurso científico e está repleta de números, gráficos, indicando a metodologia da pesquisa. No primeiro parágrafo, destacamos as seguintes escolhas enunciativas “André Puccinelli *deverá ser* reeleito” e “ele *receberia* 53% das intenções de voto”. Segundo Ferreira (1999) é comum a utilização do verbo *dever* seguido de verbo no infinitivo para indicar probabilidade, suposição, no uso moderno da língua que é adotado pela maioria dos veículos de comunicação. Então o significado pretendido com essa construção seria de probabilidade, aproximando a construção do efeito de sentido de objetividade e imparcialidade, pois o jornal não faz afirmativa sobre o resultado do pleito. Também não realiza a afirmação de forma absoluta ao utilizar o verbo receber no futuro do pretérito – *receberia* –, indicando que para que o fato aconteça, se realize, é necessária determinada condição.

A reportagem apresenta outras interpretações sobre a pesquisa, mas, de acordo com o objetivo deste trabalho, consideramos especialmente esse parágrafo para análise:

Em comparação ao levantamento anterior, realizado de 24 a 26 de setembro, Puccinelli caiu um ponto percentual, diminuindo sua vantagem de 14 para 13 pontos em relação a Orcírio. Considerando a margem de erro do levantamento, a distância entre os dois primeiros colocados poder variar de 19 a 7 pontos. (*Correio do Estado*, A3, 01/10/2010, grifos nossos)

Ao apresentar essa variação da possível diferença entre os dois primeiros colocados, o jornal cria o efeito de sentido de que a situação ainda não está totalmente definida: a diferença pode ser de 7 pontos, ou seja, há possibilidade de reversão do jogo, já que, de acordo com a pesquisa, o candidato do PMDB “caiu” um ponto percentual em relação ao seu rival petista. Percebemos novamente a utilização do verbo *cair* para apresentar o mau desempenho do candidato Puccinelli.

É importante trazer para esse ponto da análise os estudos sobre o processo discursivo de Pêcheux (2006) e a relação com a história, pois o autor acaba por percorrer o caminho do acontecimento, do discurso e da tensão existente entre descrição e interpretação na AD. Ele realiza pes-

quisa sobre a cobertura da mídia francesa nas eleições de François Mitterrand e aponta que essa mídia remete seu discurso a um conteúdo sócio-político transparente, por meio das evidências de números de resultados e de pesquisas, porém se mostra opaca nos seus enunciados. Podemos dizer que foi observada a mesma tendência na cobertura do jornal *Correio do Estado*, pois ao mesmo tempo em que são criados efeitos de sentido de objetividade, de transparência, com um discurso suportado por dados numéricos e crível ao leitor, há um confronto discursivo criado pelas escolhas enunciativas feitas nas reportagens e notícias analisadas.

No dia 2 de outubro, véspera da eleição, escolhemos para análise uma reportagem sobre as ações programadas pelos candidatos para esse dia. Novamente, inicia-se pelo relato do que o candidato do PT fará no decorrer do dia, depois aparece Puccinelli e depois o terceiro candidato Nei Braga. É interessante perceber que apesar de ter sido concedido espaço para todos, apenas foi dada a voz, por meio do discurso direto, ao candidato petista. Há então a presença novamente da heterogeneidade marcada (AUTHIER, 1990) de forma a valorizar e aproximar o discurso do jornal do discurso do candidato José Orcírio. Ainda, cabe-nos transcrever para esse artigo algumas das escolhas feitas pelo jornal para retratar o discurso e as ações do referido candidato. Logo no início do primeiro parágrafo temos o seguinte enunciado: “José Orcírio dos Santos caminha em Campo Grande, *confiante em uma reviravolta*”. O jornal reforça o otimismo, citando no segundo parágrafo: “Apesar de estar em desvantagem na corrida pela sucessão estadual, como apontam as últimas pesquisas de opinião pública, o petista está motivado”. Essa motivação é reforçada pelo recorte do discurso do candidato inserido na reportagem: “Amanheci hoje (ontem) convencido de que vamos ganhar eleições”. A possibilidade de mudança no cenário é destacada mais uma vez pelo jornal por meio de sua voz e da heterogeneidade mostrada

Ele acredita na vitória por apostar em resultado positivo nos dois principais colégios eleitorais de Mato Grosso do Sul: Campo Grande e Dourados. “Derubamos as duas últimas fortalezas do André: estamos ganhando a eleição na Capital e em Dourados”, arriscou. (*Correio do Estado*, A3, 02/10/2010)

Vale lembrar que o mesmo jornal, ao apresentar os dados da última pesquisa de opinião pública não relatou de forma clara a intenção de votos nessas duas regiões, que figuraram como as “demais”. Nesse trecho analisado, há a menção específica dos dois principais colégios eleitorais. Podemos dizer que se tratou de uma estratégia para confundir o eleitorado, ou seja, não deixar claro como está a situação nesses dois

municípios, principalmente, ao trazer para a reportagem um trecho do discurso do candidato petista. Ainda nessa reportagem houve a opção por citar uma ação do candidato José Orcírio em solicitar maior fiscalização, especialmente, sobre os passos do candidato do PMDB, para evitar tentativas de compra de voto.

Em sua edição que circulou no dia 3 de outubro, o jornal *Correio do Estado* trouxe notícia sobre as expectativas dos três candidatos ao governo e dos candidatos ao senado. Destacamos nessa análise o título: “Petista à espera do milagre da virada” e o primeiro parágrafo:

Na disputa pelo Governo do Estado, o favoritismo do governador Andre Puccinelli ainda não tirou o ânimo do petista José Orcírio dos Santos, que passou os últimos dois dias fazendo corpo-a-corpo nos bairros de Campo Grande. *É o esforço para tentar o milagre da virada do jogo eleitoral e derubar a previsão de todos os institutos de pesquisa*, que indicaram a intenção da maioria do eleitorado de reeleger André Puccinelli. (*Correio do Estado*, A4, 03/10/2010, grifos nossos)

Neste trecho verificamos a presença de três interdiscursos: religioso, científico ou racional e esportivo. O jornal coloca o candidato do PT na mesma condição de muitos brasileiros ao “já dito” (MALDIDIER, 2003), ou seja, os brasileiros costumam se segurar em sua fé para romper as adversidades, como um povo religioso. No trecho grifado, percebemos claramente a oposição entre a fé e a razão. Ainda é possível dizer que o jornal remete ao imaginário coletivo por meio da referência indireta a ditados populares como “A esperança é a última que morre”. Trata-se de uma estratégia adotada para sensibilizar o leitor sobre o esforço e a dedicação do candidato José Orcírio em virar o jogo.

Finalmente, trazemos para análise duas reportagens publicadas no dia 4 de outubro, após a eleição do candidato André Puccinelli e que também contribuem bastante para o objetivo da nossa pesquisa sobre o posicionamento do jornal frente ao acontecimento discursivo e sobre a presença de argumentação nos gêneros informativos. Na chamada em primeira página da reportagem principal sobre os resultados da eleição destacamos o seguinte trecho:

Com 56% dos votos válidos (conforme previsto pela pesquisa do Ibrape) o governador André Puccinelli (PMDB) *foi reeleito* ontem para mais quatro anos de mandato, obtendo 704.407 votos (*há quatro anos haviam sido 726,8 mil*). O petista José Orcírio ficou com *quase 42,5%*, 534.601, ou *169 mil a menos que o governador*. (*Correio do Estado*, A1, 04/10/2010, grifos nossos)

Pelas escolhas feitas pelo jornal ao relatar os resultados da eleição para governador, verificamos que há uma tentativa de amenizar o bom

desempenho do candidato do PMDB. Por exemplo, ao utilizar a forma “foi reeleito”, ou seja, na voz passiva, opta por uma construção mais fraca para relatar a vitória de Puccinelli. A seguir, há a utilização dos parênteses com outra finalidade. Ao invés de inserção de um enunciado explicativo, há entre os sinais um enunciado que remete a um pior desempenho do governador em relação às eleições passadas, em 2006: “há quatro anos haviam sido 726,8 mil”. A ideia é reforçada ainda pela forma como foi apresentado o resultado da votação de José Orcírio que ficou com “quase 42,5%” e obteve “169 mil votos *a menos* que o governador”. Assim, o jornal se posiciona frente à vitória de Puccinelli de forma a tentar desqualificar a mesma.

Esse efeito de sentido está presente também em outra reportagem que traz os resultados da votação nas regiões e municípios do Estado. Mais uma vez, o jornal recupera os resultados das eleições de 2006 e compara o desempenho do candidato do PMDB, inferior do que o observado naquele ano:

O governador reeleito André Puccinelli (PMDB) venceu em 55 dos 78 municípios de Mato Grosso do Sul. *Em 2006, o peemedebista só tinha perdido em sete cidades.* O seu adversário, José Orcírio dos Santos (PT) venceu em 23 municípios (...) (*Correio do Estado*, A4, 04/10/2010, grifos nossos)

Assim, pelo que articulamos nesse artigo, podemos afirmar que o posicionamento do jornal analisado está permeado por várias questões ligadas a discursos diversos como o esportivo, o religioso, o científico ou da estatística, entre outros. Isso vem confirmar nossa convicção de que se trata de um discurso com características de complexidade e multifacetado, repleto de situações de tensão, ruptura e também de resistência.

6. Conclusão

Nesse artigo, buscamos estudar o posicionamento do jornal impresso *Correio do Estado* por meio da análise de gêneros do discurso jornalístico informativo utilizado no suporte para a cobertura do acontecimento discursivo das Eleições de 2010. O tema é importante, pois uma das premissas básicas para o exercício da cidadania plena é o acesso à informação, que é disponibilizada por veículos de comunicação. Ao levantar as condições de produção do jornal, bem como a sua linha editorial e a forma como ele se posiciona frente a esse papel de bem informar, percebemos, pelas análises que as premissas da isenção, imparcialidade, objetividade, em alguns momentos são prejudicadas pela presença de

marcações argumentativas no discurso de relato, que deveria ser neutro e equilibrado. Ou seja, nesses textos tidos como exclusivamente informativos aparece a voz do jornal, o seu posicionamento.

Ao investigar e articular as condições de produção do *Correio*, verificamos que há raízes políticas e, por meio das análises, evidenciamos que o jornal se posicionou de forma subjetiva ao retratar acontecimento dessa natureza, como as eleições de 2010 para o cargo de governador do Estado. Ao observarmos a materialidade linguística, por meio dos interdiscursos, da heterogeneidade, do aspecto verbal e dos deslizamentos de sentido presentes no discurso do jornal *Correio do Estado*, verificamos que ele se posiciona em alguns momentos de maneira desfavorável ao candidato do PMDB.

Verificamos também que o discurso da linha editorial no qual a crítica e a opinião se restringem aos gêneros da modalidade comentário (editorial, artigo, entre outros) acaba não acontecendo plenamente na prática. Ao interpelar o leitor por meio dos gêneros de relato, os jornais estabelecem um contrato no qual se colocam como sujeitos detentores do saber e do poder de informar os cidadãos, por meio da “reprodução fiel” dos fatos. Aos olhos dos leitores comuns é isso o que realmente acontece e os traços argumentativos podem passar despercebidos. É a forma mais sutil de impor sua ideologia e persuadir o público.

É preciso salientar que não temos a pretensão de que as reflexões apresentadas neste artigo sejam a última palavra sobre a prática do jornalismo, mas acreditamos que o olhar do analista do discurso pode conferir outros sentidos. Portanto, não tivemos como objetivos apontar defeitos, culpados, mas sim possibilitar reflexões. Para finalizar, nossa intenção é que, ao final desse trabalho, consigamos conscientizar os que atuam no jornalismo a refletir sobre sua prática e papel social e, ainda, os que fazem uso do jornal como material didático em suas aulas, que estimulem a leitura crítica e mais atenta sobre esse suporte. Assim, será possível que mais pessoas consigam identificar as marcas ideológicas que estão presentes em escolhas lexicais e enunciados aparentemente neutros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de*

Estudos Linguísticos. Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BELTRÃO, Luiz. *A imprensa informativa*. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000.

CHAPARRO, Manuel Carlos de. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Santarém: Jortejo, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: dicionário de língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

LOPES, S. A. *Sobre o discurso jornalístico: verdade, legitimidade e identidade*. Dissertação de mestrado em comunicação social. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 1990, 231 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza e Silva. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. São Paulo: UNICAMP, 1988.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.